

## **Voluntariado: Trabalho gratuito vale quase 1300 milhões de euros em Portugal**

Mais de 1,5 milhões de portugueses dedicam parte do seu tempo aos outros sem receber nada em troca, mas, se fosse remunerado, o trabalho dos voluntários activos valeria 675 milhões de euros por ano, revela um estudo da Universidade Católica.

Aos 67 anos, Maria José Bicho é apenas uma dos milhares de portuguesas dedicadas ao voluntariado. Trabalha para a Cruz Vermelha há 40 anos: foi madrinha de guerra, esteve à cabeceira de milhares de doentes, encontrou familiares desaparecidos e hoje é a coordenadora das voluntárias no Hospital Curry Cabral, em Lisboa.

Pelos corredores do hospital, Maria José Bicho cumprimenta doentes, funcionários e amigos. O passo é rápido e decidido e nem o frio rigoroso de Inverno a impede de trabalhar. Para a coordenadora não existem fins-de-semana, folgas ou feriados, mas apenas pessoas a precisar de conforto. Com ela trabalham outras 28 voluntárias. Todas mulheres, todas com mais de cinquenta anos. Todas gratuitamente.

As organizações sem fins lucrativos «envolvem a energia de quase um quarto de milhão de trabalhadores equivalentes a tempo inteiro», revela o estudo coordenado pela investigadora Raquel Campos Franco, da Universidade Católica de Lisboa (UCP).

Nas associações alguns têm horários «normais», outros trabalham apenas alguns dias por semana e há quem dedique apenas algumas horas ao projecto. Neste sector, dois em cada três trabalhadores são remunerados e o «terceiro» é um voluntário, segundo o relatório da UCP.

Segundo o Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado existem mais de 1,5 milhões de voluntários, mas muitos não estão no activo e outros só podem despende de algumas horas por semana. Por isso, o trabalho de todos eles juntos equivale a apenas «67.342 voluntários a trabalhar a tempo inteiro», disse à Lusa a coordenadora do estudo "O Sector Não Lucrativo Português numa Perspectiva Comparada" na véspera do Dia Internacional do Voluntário, que se assinala quinta-feira.

Trata-se de uma estimativa, não de uma contabilidade", começa por ressaltar Maria dos Anjos Almeida. Uma estimativa em que, ainda assim, acredita de forma convicta - o resultado apontou para 0,8% do PIB (ou seja, 1304 milhões de euros, a valores de 2007). A investigadora admite uma margem até 1%, mas não mais do que isso.

Através de um inquérito a um universo seleccionado de instituições, apurou volumes de horas por áreas profissionais, a que aplicou os valores da tabela de remunerações do Ministério do Trabalho. Para voluntários ocasionais calculou remunerações médias. Inspirou-se em metodologias seguidas noutros países, com mais tradição de voluntariado. É o caso do Canadá, que aponta para 1,4% do PIB.

Roque Amaro, professor do Instituto Superior das Ciências do Trabalho e Empresa, acredita que o valor nacional seja mais alto: "Não está em causa apenas o número de horas, mas a sua qualidade". Não tem dúvidas de que no futuro esse valor irá subir e destaca que se está a abandonar uma matriz de puro voluntarismo, rumo ao enquadramento organizacional e qualificado. Que tem como reverso o "maior prestígio do trabalho voluntário".

Mas na cabeça de mulheres como Maria José Bicho, o voluntariado não tem preço. Foi um «mero acaso» que transformou a fisioterapeuta numa «visitadora dos hospitais», era assim que se intitulavam as voluntárias da Cruz Vermelha na década de 60. «Naquele tempo, dávamos apoio psicológico aos doentes dos hospitais e conversávamos com os jovens que vinham mutilados da guerra», recorda a mulher franzina de sorriso fácil.

Também foi madrinha de guerra, mas nunca saiu do país: «Tinha um emprego e por isso não podia ir lá fora visitá-los, mas havia muitas voluntárias que iam...», recorda. Na altura, «as voluntárias eram uma elite» de senhoras que não trabalhavam. Maria era exceção e teve de deixar de almoçar para poder dedicar as suas três horas livres a quem mais precisava.

Com a chegada da reforma, o voluntariado passou a ser o seu novo emprego. E hoje no seu vasto curriculum aparecem cargos como vice-presidente da delegação de Lisboa, coordenadora do voluntariado ou presidente do conselho consultivo. Mas foram as pequenas histórias do quotidiano que lhe deram a certeza de que a sua vida só fazia sentido com o voluntariado.

Passados 30 anos, Maria José Bicho ainda tem vivo o dia em que conseguiu encontrar, «com a ajuda da Guarda» (GNR), a família de um homem pobre de uma aldeia nortenha que tinha fugido para a capital ainda menino. Para sobreviver vendia cautelas nas ruas de Lisboa e nunca mais tinha tido notícias de casa até se cruzar com a voluntária. Maria tomou as dores do homem e contactou a GNR que lá conseguiu encontrar uma irmã que o veio visitar.

Hoje, no Curry Cabral, continua atarefada como noutros tempos e trabalha como se tivesse 20 anos. Nos hospitais, as voluntárias da Cruz Vermelha oferecem pequenos-almoços a quem espera pelas consultas e ajudam a dar os almoços aos acamados. Além de comida, sublinha, «também confortam a alma de todos os que nos chegam doentes».

Fonte: Lusa (5/12/2008)